

APRESENTAÇÃO

Sociologia da Arte hoje

A idéia de organizar um dossiê sobre o desenvolvimento recente dos estudos em Sociologia da Arte em escala internacional nasceu durante as sessões dos seminários de uma rede de pesquisadores realizadas na Maison des Sciences de l'Homme, Paris Nord, em Saint Denis, onde desenvolvi meu projeto de pós-doutoramento nesse campo, de novembro de 2003 a novembro de 2004.

Naquele momento, ficou claro que, para induzir a institucionalização desse campo sociológico no Brasil, seria providenciada a publicação de textos escritos por especialistas de várias partes do mundo e que exerçam liderança insofismável no processo de consolidação da disciplina em seus respectivos países.

Dessa forma, requisitou-se a contribuição de Bruno Péquignot, coordenador do referido seminário e do Grupo de Trabalho em Sociologia da Arte ligado à Associação Internacional de Sociologia de Língua Francesa (AISLF), reunido no respectivo Congresso, em Tours, França, em julho de 2004. A contribuição francesa completou-se com a aceitação de Alain Quemin, radicado em Paris, em submeter um artigo para inclusão no citado dossiê.

Nos Estados Unidos, convidou-se Vera Zolberg, estabelecida em Nova Iorque, já consagrada como uma das mais importantes formadoras do campo da Sociologia da Arte em seu país, para escrever um artigo que apresentasse as discussões mais correntes, entre os pesquisadores do campo.

Uma trilogia completou-se com a contribuição de Arturo Rodríguez Morató sobre os desdobramentos das políticas culturais na Catalunha, de forma que três dos grandes centros produtores e divulgadores dos fenômenos artísticos ficaram contemplados: Paris, Nova Iorque e Barcelona. Cabe informar que Quemin e Rodriguez Morató, por sua vez, destacaram-se como coordenadores do Grupo de Pesquisa em Sociologia das Artes da Associação Internacional de Sociologia (ISA), dinamizando e expandindo a institucionalização do campo no domínio da Sociologia.

O dossiê ficou completo com a contribuição paulistana de Maria Lucia Bueno sobre o mercado das galerias de arte no Brasil. Bueno é um(a) dos(as) poucos(as) sociólogos(as) brasileiros(as) que pode ser de fato denominada de socióloga da arte.

Um exame da produção sociológica brasileira sobre objetos artísticos demonstra que a mesma tem sido intermitente, pouco volumosa, embora significativa em vários momentos. A partir da contribuição de Roger Bastide nos anos 40 e os trabalhos posteriores de Antonio Cândido, Gilda de Mello Souza e Lourival Gomes Machado, sobre literatura, moda e barroco mineiro, respectivamente, a Sociologia da Arte somente vai reaparecer nos meados dos anos 60 com as coletâneas de artigos organizadas por Gilberto Velho, cuja contribuição para a formação do campo foi tributária do seu interesse em estudar as vanguardas artísticas e o uso de drogas por alguns de seus representantes. Mesmo as contribuições de José Carlos Durand sobre o mecenato e a moda no Brasil, acontecidas posteriormente, não lhe atribuíram o reconhecimento enquanto sociólogo da arte, embora suas mencionadas obras ainda possuam um valor pioneiro e inestimável.

De forma que essa insipiência reflete o pouco conhecimento que se tem no Brasil sobre a produção científica no campo da Sociologia das Artes, cujo florescimento em escala considerável deu-se no final dos anos 60, e início dos 70, por força e pressão de vários movimentos culturais alternativos, de liberação sexual, do feminismo, do movimento *gay* e da contra-cultura em geral.

Os textos escolhidos para compor este dossiê ocupam-se em problematizar uma certa ambigüidade que se coloca no campo, ainda ressentido pela sua subsunção ao campo mais genérico da Sociologia da Cultura. Ao contrário do que se pensa normalmente, esta é que sempre foi subsidiária da Sociologia da Arte, cujo nascimento está datado pela publicação no *Année Sociologique* de rubrica criada por Émile Durkheim, já no final do século XIX, sob a denominação de Sociologia Estética. Ali foram estabelecidas, conforme discerne Péquignot, as grandes linhas que vão se desenvolver sob o nome de Sociologia da Arte: os processos sociais de produção das obras e dos artistas, a recepção e a difusão das obras e de seus efeitos sociais. Conforme Péquignot, ainda faltava incluir as vertentes posteriormente emergentes das políticas e dos mercados culturais.

Para Péquignot, uma sociologia da arte propriamente dita somente vai se desenvolver na França, de forma considerável e autônoma, no final dos anos 70, mediante a adoção de métodos e instrumentos de *enquête* e das ferramentas e utilidades de outras sociologias particulares. Essa época seria marcada pelas contribuições de Jean Duvignaud sobre o teatro, Lucien Goldman sobre a literatura, de Pierre Bourdieu sobre as condições sociais da recepção e da criação, de Raymonde Moulin sobre o mercado de arte e, ainda, de Bastide sobre as relações entre a sociedade e a produção artística.

Péquignot continua a sua análise da produção francesa posterior a esse período distinguindo seis pontos essenciais: 1) as instituições e as políticas culturais (acentuando o processo de formação de uma burocracia cultural nacional francesa); 2) os mercados de arte e das profissões artísticas; 3) recepção e legitimação (além da mediação); 4) as práticas e o consumo cultural (onde pontificou Pierre Bourdieu); 5) a tentativa de descrição do campo através de uma abordagem de cada uma das formas artísticas consideradas (momento em que o autor traz uma longa lista de especialistas em cada forma artística específica); e, finalmente, 6) o surgimento de uma ciência das obras cujas possibilidades hegemônicas passaram a se constituir o âmbito da discussão interna atual.

O trabalho de autoria de Vera L. Zolberg, da New School for Social Research em Nova Iorque, procura dar conta de discussão interna ao campo, mais particularmente, os posicionamentos de seus colegas especialistas, participantes de um fórum em cultura organizado em 2001 por Diana Crane. No seu texto, Zolberg destaca, sobretudo, a necessidade de a Sociologia da Arte reter tanto as suas raízes humanistas como as científicas.

Embora não deseje lamentar o relativo negligenciamento da Sociologia da Arte nos Estados Unidos (maior do que na Europa), Vera Zolberg lembra que a Sociologia da Cultura se desenvolveu a partir da Sociologia da Arte, nas duas últimas décadas, tornando-se um campo guarda-chuva e mascarador das especificidades dos objetos artísticos, *tout court*. Em seguida, a autora resume as principais tendências e interesses dos pesquisadores presentes ao fórum, mostrando a fluidez de suas possibilidades e capacidades criativas. Faz referência à produção mais recente, provando que a estética se constitui em parte crucial de seus estudos e que os estudos sobre a cultura situam-se para além das artes. Segundo Zolberg, é chegada a hora de trazer as artes de volta.

O texto de Rodríguez Morató resume magnificamente o processo de reinvenção da política cultural em escala local, no caso de Barcelona, caracterizando esse novo modelo como dotado de uma renovada sistemacidade e orientado a um novo objetivo de caráter geral: a potenciação cultural da cidade. Assim, foram impulsionadas as atividades culturais nos bairros, tratando de reequilibrar a geografia da sua participação cultural e festas populares foram recuperadas, passando a exercer um papel de dinamização comunitária e de reapropriação e revitalização de áreas marginalizadas.

Rodríguez Morató também dedica comentários elogiosos ao trabalho de Ferran Mascarell, responsável, durante algum tempo, pela política cultural municipal barcelonesa, fomentando uma compreensão ampla e pluridimensional da produção cultural, vista enquanto criação simbólica, constituída de idéias e valores que fundamentam o diálogo social e como comunicação e participação cidadãs. Isso implicou

uma diversificação de objetivos que, além de artísticos, passaram a ser também educativos, econômicos, sociais e identitários. Ao melhorar a qualidade de vida da população, a política cultural também melhorou a capacidade geral de inovação e de adaptação à sociedade do conhecimento.

O dossiê se encerra com o artigo de Alain Quemin apresentando um caso em que a arte se insinuou mais forte do que a ciência. Trata-se da presumida autenticidade da estatueta do faraó egípcio Sésotris III exibida em Paris como obra de arte. Quemin mostra como a questão fomentou uma controvérsia intensa, entre argumentos estilísticos e científicos professados por uma diversidade de *experts*, e como esses argumentos opostos foram avaliados pela Justiça, por sua vez convocada para encontrar um final satisfatório para a polêmica.

Enfim, procurou-se organizar uma modesta investida no sentido da institucionalização disciplinar da Sociologia da Arte entre as sociologias especiais no Brasil. Outros artigos e autores não foram incluídos por motivos diversos, sobretudo pela limitação de espaço. Elaborou-se uma pequena mostra de como o campo vem se implantando e expandindo em escala internacional. Cabe agora desenvolver seus tentáculos no Brasil. Espera-se que os amantes da arte façam bom proveito deste número temático da revista *Sociedade e Estado* e os colegas sociólogos mais ainda.

João Gabriel Lima Cruz Teixeira
Organizador